

DO ESCRITO AO ORAL: A INSTÂNCIA DA LETRA NO INCONSCIENTE

Ana Claudia Moraes Merelles Bezz
Doutorado/UFF
Orientadora: Bethania Mariani

O presente trabalho tem como tema principal a investigação da passagem do oral ao escrito, considerando a instância da letra no inconsciente. Como eixo teórico, adotamos as formulações de Michel Pêcheux (1938-1983) e da Psicanálise, a partir de Freud (1856-1939) e Lacan (1901-1981). O objetivo principal é problematizar a função da letra de acordo com a orientação lacaniana e da leitura do texto freudiano, marcando a diferença do que viria a ser letra do alfabeto e letra enquanto instância, fundadora do psiquismo. Para um maior aprofundamento dessa temática enfatizaremos o momento do aprendizado da escrita do nome próprio e a sua função na constituição subjetiva. Com relação ao aparato teórico da Análise do Discurso, pretendemos mobilizar, com maior ênfase, dois trabalhos do filósofo Pêcheux que consideramos importantes para o diálogo com o tema proposto. São eles: *Semântica e Discurso*, (2009[1988]) e *O Discurso, estrutura ou acontecimento* (1990 [1983]). No que diz respeito à obra de Lacan, percorreremos algumas importantes passagens, ao longo de seu ensino, que se referem à noção de letra. Para esta pesquisa, privilegiaremos as construções teóricas acerca da letra, do traço unário e do nome próprio presentes em *O Seminário, livro 9, A identificação* (1961-1962).

A relação da Psicanálise com a escrita está no cerne da experiência freudiana. Freud (1987[1900]) descobre a escrita do inconsciente através da fala de seus pacientes. Observamos a partir da descoberta do inconsciente que esses dois processos, falar e escrever, embora tenham inscrições diferentes, não são estanques. Partimos da suposição de que a letra enquanto primeira marca que distingue o filhote humano do mundo animal há que se inscrever antes mesmo do advento da fala. Podemos mesmo dizer que esta primeira marca é fundamental e constitutiva dos futuros desdobramentos do *infans* rumo à humanização, entendida aqui como a inscrição do sujeito na linguagem.

Propor uma passagem do oral à escrita poderia supor, erroneamente, que essa passagem é natural ou a escrita é uma transmutação da fala. Observaremos que a fala não é natural e que a letra enquanto instância, no que tange à teoria psicanalítica, há que se inscrever para que o sujeito aceda à fala, antes mesmo do processo de aprendizagem da escrita. Borges (2010) retoma a figura topológica da banda de Moebius utilizada por Lacan para falar das relações entre oralidade e escrita. A autora observa que a banda parece ser dividida em duas partes. No entanto, ela é unilátera, desta forma não divide o espaço, não tem dentro, nem fora. Um lado não é oposto ao outro, mas sim o seu avesso. Borges prossegue: “... isto significa que a escrita, que pode estar no ‘avesso’, pode emergir na oralidade em qualquer ponto dos discursos concretos, e vice-versa” (BORGES, 2010, p.49). A autora conclui afirmando que as produções das crianças mostram, bem precisamente, que oralidade e escrita se resignificam. A partir desta reflexão e acolhendo o apontamento de um dos componentes da nossa banca de qualificação faremos uma inversão no título do trabalho: “Do escrito ao oral: a instância da letra no inconsciente”.

Com o surgimento da psicanálise vimos o comparecimento da noção do corpo marcado pela linguagem. Leite (2003) cunha a expressão *corpolingagem* para “fazer referência ao estatuto do corpo em Psicanálise e suas consequências para o estudo da linguagem” (LEITE, 2003, p.81). A novidade freudiana incide sobre o fato de que os órgãos do corpo humano não adquirem suas funções naturalmente. Não é como no conto infantil que responde um certo lobo à menininha curiosa: para que esses olhos tão grandes? Para melhor te olhar. E esse nariz? Para te cheirar. E essas orelhas? Para melhor te escutar. Essa boca?...e todos sabem a confusão que dá. Não, não é tão obvio assim (fazemos menção aqui ao conto intitulado *Chapeuzinho Vermelho* publicado pela primeira vez pelo francês Charles Perrault e depois pelos irmãos Grimm, uma das fábulas mais conhecidas de todos os tempos).

Neste sentido não basta que uma criança tenha um aparelho fonador em perfeitas condições para que a fala aconteça. Lacan cria o neologismo *parlêtre* (fala-ser) para propor que “o campo da linguagem deve incluir a função da fala e isso introduz a presença ineliminável de um sujeito dividido pela ação da estrutura (LEITE, 2003, p.82).

Freud (1987[1915]) introduz o conceito de pulsão diferenciado-a do instinto que rege o comportamento animal. O corpo do bebê se humaniza a partir do desejo do

Outro. É a fala do Outro em conjunto com seu olhar que bordeiam e circunscrevem um campo de desejo para o corpo do *infans*. Assim, comer pode ser mais que ingerir um alimento, pode ser devorar um livro, por exemplo. Olhar pode ser mais que ver, pode ser comer com os olhos.

Realizamos nosso trabalho de pesquisa numa Escola municipal de Educação Infantil, em Niterói, privilegiando o momento em que as crianças se debruçam sobre os primeiros traçados do nome que receberam do Outro. Quantas histórias são contadas às crianças sobre a escolha do nome? O que permite que o nome escolhido pelo Outro se torne para a criança, próprio? Acreditamos que a partir desse recorte e do que está em jogo no “apropriar-se” poderemos trabalhar também a construção da fantasia: resposta sempre sintomática que o sujeito dá ao enigma do Desejo do Outro.

Para nossa discussão de hoje, trago um recorte de uma situação vivida pelas crianças e professoras numa turma do chamado grupo 5, que abarca crianças entre 4 e 5 anos de idade. No início do ano, durante as rodinhas de acolhimento, as professoras perceberam dificuldades da parte das crianças em reconhecerem seus próprios nomes. Diante desta situação, tiveram a ideia de encaminharem um exercício para casa para que as crianças fizessem com os pais. O exercício consistia num pequeno questionário intitulado “Quem sou eu”. Iniciava com um recorte de uma música de Toquinho seguidas pelas seguintes perguntas: Quem escolheu meu nome; meu nome é; tenho este nome porque; gosto que me chamem de.

Lacan (2003[1961]) trata da questão do nome próprio, referindo-o a um ponto de amarra a partir do qual o sujeito se constitui. O nome próprio, marca do enigma do desejo do Outro, não encerra um sentido em si, mas permite a identificação ao traço unário, traço distintivo, sem significação. Nunca sabemos exatamente o sentido do nome que carregamos. Poderíamos nos perguntar se há um ser humano sequer no mundo que tenha escolhido seu próprio nome. Diante desta nomeação, o sujeito poderá até tentar mudá-lo, mas sempre a partir de uma primeira escolha do Outro. O que envolve esse significante ofertado pelo Outro e que vai se enchendo de imaginário até que o sujeito consiga equivocá-lo, inserindo na cadeia, furando o Outro? Escrever o nome próprio seria concomitante a inscrever-se como sujeito?

Como arcabouço teórico para investigar o que concerne à escrita do nome próprio recorreremos às intervenções de Lacan acerca deste tema. É no *Seminário 9, A identificação* que Lacan (2003[1961]) aborda o traço unário e as questões que envolvem

o nome próprio. No entanto, acentuamos uma passagem no texto *A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, fruto de uma Conferência pronunciada por Lacan em 1957, quatro anos antes do Seminário *A Identificação*, no qual já surgem articulações sobre o sujeito, a linguagem e o nome próprio. Assim nos diz Lacan: “Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (LACAN, 1998[1957], p.498).

No *Seminário A identificação*, Lacan retoma a identificação com o estatuto do nome próprio a partir do traço unário. Ele define três tipos de identificação: a primeira seria a identificação com o pai, a segunda ao traço unário e a terceira identificação imaginária, histórica. O que Lacan destacará como fundamental para a constituição subjetiva é a segunda identificação, ao traço unário. Lacan enfatizará que a identificação não é unificação, mas fissura, uma vez que o traço unário é pura diferença.

Safouan (2006) indica que um dos princípios em que repousa o *Seminário A identificação* “é aquele que afirma a potência apagante ou negativa da letra, na qual Lacan apoia sua teoria do nome próprio” (SAFOUAN, 2006, p.174). Destacando que traço unário é, ao mesmo tempo identidade e diferença, Safouan aponta que todo significante é, antes de tudo constituído como traço, tem o traço como suporte. Afirma, a partir da leitura lacaniana que a letra é “essa essência do significante por onde ele se distingue do signo” (SAFOUAN, 2006, p.148). O significante se distingue do signo na medida em que ele, o primeiro, manifesta a presença da diferença como tal e nada além.

O autor retoma a discussão de Lacan em torno do emprego do *name*, para reafirmar que a definição do nome próprio é da ordem da letra tal como a encontramos no inconsciente (SAFOUAN, 2006, p.151). A característica do nome próprio está relacionada com a escrita, pois o que distingue um nome próprio é que de uma língua para outra, ele conserva sua estrutura. Com relação a essa discussão Allouch chega a afirmar que “os nomes próprios cifram-se, mas não se traduzem” (ALLOUCH, 1995, p. 188). O nome próprio é tomado como exemplo do traço unário na medida em que se situa como marca distintiva e não se traduz. Função nomeante vinda do Outro, o nome próprio, enquanto enigma do desejo do Outro, apresenta ao sujeito “o que ele não pode saber: o nome do que ele é enquanto sujeito da enunciação” (SAFOUAN, 2006, p.153).

Referências

ALOUCH, Jean. *Letra a letra: transcrever, traduzir e transliterar*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

BORGES, Sônia. *Escrita e letra na psicanálise: algumas considerações*. in Faces da Escrita: linguagem, clínica, escola. Maria Francisca Lier-Devitto, Lúcia Arantes (orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. Pgs 75-81.

FREUD, Sigmund. *As pulsões e suas vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1987.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 9. A identificação*. Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Recife, outubro de 2003.

LEITE, Nina Virgínia (org.). *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *Sêmantica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP. 4 edição. Pontes Editores, 2014.

_____. Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

SAFOUAN, Moustapha. *Lacanian I: os seminários de Jacques Lacan 1953-1963*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.